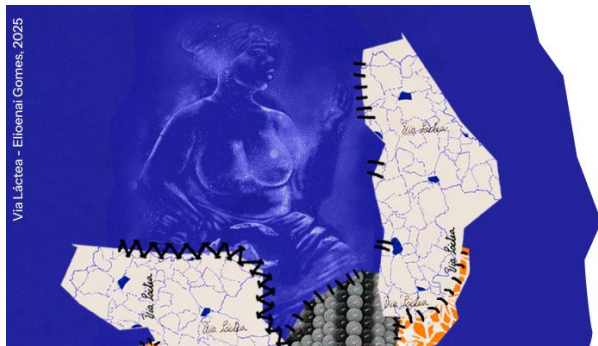




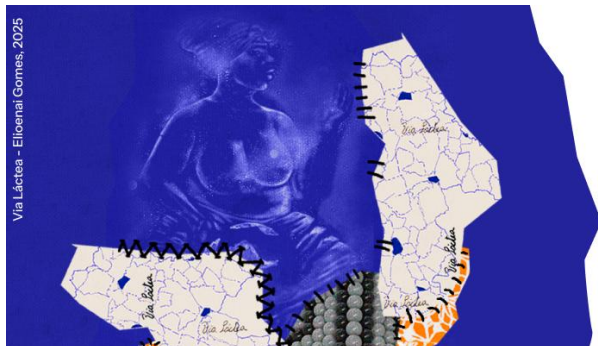
ENTRE AFETOS E TRAVESSIAS: A MEDIAÇÃO CULTURAL COMO EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM NA CASA GAMELA

Alessandra Lílian de Jesus Teixeira¹ - UFMA

O presente relato tem origem na experiência de mediação cultural desenvolvida no Centro Cultural Casa Gamela, espaço não formal de arte educação em São José de Ribamar – MA. A mediação é aqui compreendida não como função técnica, mas como gesto acolhedor, político, estético e educativo, capaz de articular memórias, afetos e pertencimentos entre artistas, comunidade e visitantes. Partindo das vivências, objetiva-se discutir o papel do arte educador enquanto mediador cultural e a potência dos centros culturais como espaços não formais de educação, onde a arte se manifesta como linguagem viva, mobilizadora e transformadora.

A Casa Gamela é um espaço criado por uma arte-educadora e um produtor cultural, aberto ao público em novembro de 2022, no início do período pós pandemia, quando as iniciativas culturais voltavam à sua normalidade. Inicialmente, pensamos no espaço, na “galeria”. Mas o que seria este espaço sem o diálogo? Assim, definimos os quatro pilares da Casa: Arte- Cultura- Educação e Gentileza. Como arte educadora, coube-me o papel de articular estes quatro pilares através da mediação. Ser mediadora na Casa Gamela, foi antes de tudo um desafio, o habitar uma função que ultrapassa os limites da técnica e se inscreve no campo da escuta, da sensibilidade e da travessia. Tive de aprender na prática as nuances do ofício. O mediador, mais do que um condutor de públicos, é alguém que acolhe, traduz, provoca e, sobretudo, tece vínculos entre obra, território e pessoas. Como afirma Mirian Celeste Martins, (2017) “Estar entre muitos nos coloca na posição de quem

¹ Professora de Artes da rede pública do estado do Maranhão; mediadora cultural do Centro Cultural Casa Gamela; Mestranda em Artes Visuais pelo ProfArtes UFMA. E-mail: allessandrallilian@gmail.com



também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros.”² É nessa dimensão da experiência afetiva que se insere a prática da mediação na Casa Gamela. Situada em São José de Ribamar, a Casa Gamela configura-se como espaço não formal de educação, onde o processo de aprendizagem acontece de maneira orgânica, horizontal e dialógica.

Figura 1 – Mediação com grupo de idosos



Fonte: A autora

Diferente da escola, marcada por currículos e avaliações, o centro cultural abre espaço para a experiência estética e para o encontro sensível. Nesse ambiente, artistas, professores, trabalhadores da cultura e comunidade se encontram sem hierarquias rígidas, construindo coletivamente novas formas de aprender e ensinar. Um visitante de 11 anos, ao deparar-se com uma representação de São Francisco de Assis, narrou para sua turma, seus professores e equipe da casa, a história e a relação do santo com a ecologia, tornando-se protagonista e trazendo para a visita suas vivências pessoais.

² MARTINS, Mirian Celeste. Entres: a informação, a mediação e os desejos de outros. In: I simpósio Internacional de Educação em Museus, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio-rimc-2014/conferencia_entreS_mirian-celeste-martins_I-simposio-internacional_RIMC.pdf. Acesso em: 18/09/2025.



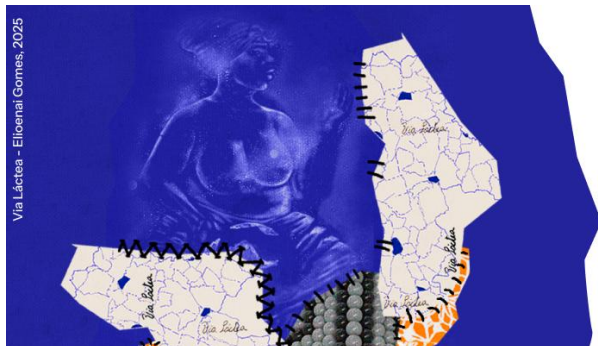
Nesse contexto, a mediação se transforma em exercício de atravessamento: ser mediador é, antes de tudo, ser mediado pela potência do espaço, pelas narrativas comunitárias e pelas subjetividades compartilhadas. A cada grupo ou visitante individual, o ouvir torna-se tão ou mais importante que o falar, a mediadora aprende muito mais que ensina, na troca entre o saber acadêmico e as experiências de cada pessoa. O papel do mediador não é o de “explicar” a obra, mas de criar condições para que o público se aproxime dela com autonomia e sensibilidade. Trata-se de um ato de cuidado e abertura, que muitas vezes, consiste em vencer o muro invisível que leva o visitante a olhar curioso da calçada, mas ter receio de entrar por sentir-se inadequado ao espaço ocupado pela arte. E como é prazeroso vê-lo apropriar-se do espaço, dos objetos, sentir-se “em casa” depois de ultrapassar essa barreira inicial.

Figura 2- Visita dos alunos do EJATEC Guia de Turismo à Casa Gamela



Fonte: A autora

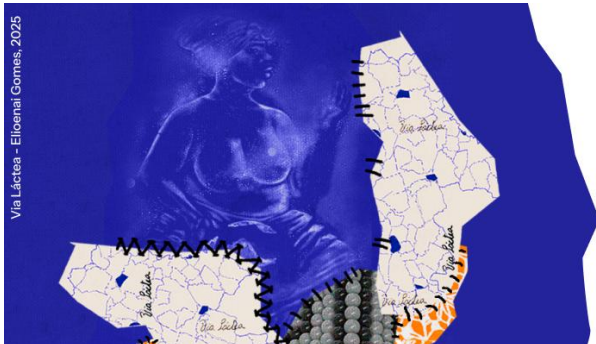
Em diversos momentos, os papéis de professora e mediadora se entrelaçam. Atuo como professora da rede estadual no Centro de Ensino São José de Ribamar, com alunos do EJATEC. Ao levar meus alunos para uma visita à Casa Gamela, não apenas amplio os horizontes do ensino de Arte para além dos muros da escola, mas também crio a possibilidade de um encontro estético verdadeiro, em que a obra deixa de ser apenas conteúdo e se torna experiência. Nesses instantes, deixo de ocupar o



lugar de quem ensina e passo ainda mais a ouvir, a acolher as reflexões, memórias e percepções dos estudantes diante do que veem. A troca se dá de maneira mais livre. Ao retornarmos para a sala de aula, sinto que um elo de afeto foi tecido: compartilhamos uma vivência comum em um espaço de cultura que, por sua natureza, provoca pertencimento e abre espaço para novas formas de aprender e de estar juntos.

Como mediadora, tenho aprendido a lidar com a imprevisibilidade: a cada encontro, a mesma exposição se transforma diante de novos olhares, interpretações e narrativas. Nesse processo, percebi que a mediação é também um exercício de respeito, pois exige do mediador entender que o conhecimento circula de forma horizontal, compartilhada entre todos os participantes do encontro, numa gama de saberes cuja diversidade a academia ainda não consegue apreender. Nesse percurso, minha própria identidade de arte-educadora foi sendo ressignificada. Aprendi que ser mediadora é ser aprendiz: da comunidade, dos artistas, das histórias locais e dos processos coletivos. Ao mesmo tempo, é ser testemunha da potência transformadora da arte, capaz de produzir deslocamentos internos, ressignificações e pertencimentos, atravessando-nos.

Nas mediações realizadas, é comum os visitantes não apenas apreciarem as obras expostas, mas também compartilharem histórias pessoais relacionadas a algum objeto exposto ou ao território de São José de Ribamar. As obras funcionaram como gatilhos de memória, acionando lembranças da infância, narrativas de festas populares e cantos que ressoam até hoje. Houve momentos em que a mediação assumiu a forma de uma roda de conversa espontânea, em que visitantes compartilhavam suas próprias memórias a partir das imagens e dos objetos expostos. Outros momentos se deram no silêncio reverente de quem apenas olhava — e nesse olhar, havia tanto de si quanto da obra. A mediação, nesse sentido, tornou-se experiência estética compartilhada, porque ultrapassava os limites da explicação para se constituir como encontro de sensibilidades.



Também me marcaram as diversas doações de objetos de valor afetivo. Como exemplo, temos duas câmeras, uma fotográfica e outra de vídeo, doadas por uma adolescente de 14 anos. Na primeira visita, ela teve contato com diversos “objetos de memória” e conversou com a mediadora sobre suas vivências com seu avô, um fotógrafo amador já falecido. Na semana seguinte, voltou ao espaço e realizou a doação das duas câmeras, que passaram a integrar o acervo da casa. Assim, ela já não só não era mera espectadora, mas coautora de uma narrativa visual e afetiva, reconhecendo-se como parte da história viva de sua cidade. A mediação, nesse sentido, atua como ferramenta pedagógica e política. É na prática de escuta e de diálogo que os visitantes aprendem sobre a história e os artistas locais, reconhecem a importância da cultura popular e se veem como sujeitos ativos da vida cultural da cidade. Esse processo ressoa na perspectiva freireana da educação como prática da liberdade, onde o ato de conhecer nasce do diálogo e da problematização da realidade, em um percurso de afetos, descobertas e resistências. Ser mediadora nesse espaço é ser guardiã de encontros, testemunha da potência da arte e fiandeira de narrativas que conectam passado, presente e futuro.

Como centro cultural independente, a Casa Gamela confirma a força dos espaços não formais de arte educação, onde a arte se torna prática de pertencimento, memória e transformação social. Ao mediar, aprendi que a função não é apenas guiar o público diante da obra, mas criar condições para que cada sujeito possa se reconhecer e se transformar diante dela. Atuando em um espaço independente de arte e cultura, percebi que a mediação vai além da explicação de obras: ela é gesto político, pedagógico e poético; político, porque promove encontros, reconhecimentos e resistências; pedagógico, por ser um processo de escuta sensível, diálogo e construção coletiva de sentido; poético, porque se inscreve na esfera do sensível. E sobretudo, é prática de afeto, porque acredita na arte como caminho de humanização, ao estabelecer pontes entre a criação artística e a vida cotidiana, promovendo não apenas o acesso à arte, mas também o reconhecimento da identidade cultural local.